

☐ **POLÍTICA ECONÔMICA**

# Choque encontrará resistência

**Oligarquia industrial e burocracia estatal reagirão a mudanças, diz economista**

TELMO WAMBIER

RIO — Hélon Braga, pesquisador do Instituto de Planejamento Econômico e Social (Ipea) que estuda há dez anos a questão do protecionismo e da centralização na economia brasileira, diz que o choque liberal prometido pelo presidente eleito, Fernando Collor, nos primeiros dias depois da posse, enfrentará pelo menos três grandes focos de resistência. Em primeiro lugar, a reação das oligarquias industriais que cresceram e engordaram à sombra do paternalismo estatal; em segundo, a burocracia estatal com-

prometida ideologicamente com uma política intervencionista; e em terceiro, "a articulação incestuosa entre essa burocracia e a classe empresarial clientelista e cartorializada que se acostumou a um mercado sem concorrência".

Aos 48 anos de idade, economista com doutorado pela Fundação Getúlio Vargas e pós-doutorado pela Universidade de Chicago, pesquisador sênior do Ipea e professor de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Hélon Braga vê em Collor algumas características capazes de levá-lo a vencer essas resistências, "que são gigantescas", e transpor o Brasil da era do "capitalismo selvagem" para um neocapitalismo liberal emergente. Em vários trabalhos que publicou sobre o te-

ma, ele insiste em que o País vive, há décadas, um capitalismo sui generis, sem risco.

O pesquisador constata no discurso de Fernando Collor o fim de uma era, respaldado na credibilidade de um governo eleito pelo voto popular, com boa receptividade internacional e sem compromisso com a classe empresarial cartorializada. "Collor pode representar a modernização do capitalismo brasileiro", diz. "E contra isso haverá reação de uma mentalidade velha que se criou à sombra de um Estado forte, se infiltrou pela burocracia que domina os órgãos governamentais, pelas universidades e até mesmo por substanciais parcelas da esquerda brasileira", acredita.

Entusiasta do liberalismo econômico, Braga entende que

hoje não é mais necessário gastar palavras argumentando com a necessidade de se instaurar no País uma política econômica que leve a classe empresarial a se expor à competição. "Todo mundo lá fora já está fazendo isso e o fracasso das economias centralmente planejadas não mais se discute". Segundo ele, está claro que as sociedades socialistas conseguiram atender a algumas necessidades da população e foram mais eficientes quanto à distribuição de renda. Mas estaria claro, também, que criaram economias ineficientes e sem condições de oferecer os produtos de consumo de que a população precisa. De outro lado, ele crê que mesmo os mais conservadores governos capitalistas já tendem a dar mais atenção às condições sociais da população.